

Política econômica não muda, diz Passarinho

CAMPINAS — O ministro da Justiça, Jarbas Passarinho, afirmou ontem à tarde, em Campinas, que a provável guerra no Golfo Pérsico reforçará ainda mais a manutenção da atual política econômica do governo federal. "O único caminho é sustentá-la como está", disse, ao comemorar, na casa do irmão mais velho, João Gonçalves Passarinho, de 82 anos, o seu aniversário de 71 anos.

O ministro acentuou, entretanto, a necessidade de muita cautela por parte do próprio governo a partir da recessão que ameaça os países dependentes do petróleo. "É preciso ter talento para distribuir o sacrifício proporcionalmente, pois não é justo que uma pessoa como eu, por exemplo, pague o mesmo preço que outra, com mais dificuldade para enfrentar a crise", explicou. Segundo ele, "isto está definido

nos planos do governo".

Coordenador político do Palácio do Planalto, o ministro da Justiça reconhece que a guerra no Iraque dificultará seu trabalho com os políticos. "A estratégia é executarmos uma política de manutenção dos empregos", ressaltou Passarinho. Ele espera boa receptividade entre os governadores eleitos, com os quais já está mantendo reuniões. A única dificuldade esperada é com o futuro governador do Paraná, Roberto Requião, autor de críticas diretas ao presidente Collor. "Até mesmo o engenheiro Leonel Brizola (governador eleito do Rio de Janeiro) faz referências elogáveis ao nosso trabalho", comentou o ministro.

Passarinho disse ainda que o governo já se preparou para enfrentar os efeitos da guerra e o risco de dificuldades na importação de petróleo por um

período prolongado. "Estamos garantidos por 45 dias, mas todas as possibilidades estão sendo analisadas pelos ministros", disse. Uma delas é o racionamento dos derivados de petróleo. Ele tranquilizou, entretanto, os proprietários de veículos à álcool. "Temos álcool suficiente para cobrir o consumo, a frota está diminuindo e por isso não tem sentido o racionamento", completou.

O ministro fez uma ressalva para a esperada terceira crise do petróleo. "Não estou dizendo, em hipótese alguma, que haverá racionamento dos combustíveis, mas apenas que isto é uma alternativa estudada". Segundo sua avaliação, a guerra é inevitável. "Estamos com 90% de possibilidade do conflito armado e apenas 10% de esperança na paz, por causa do trabalho realizado pela ONU", comentou.